

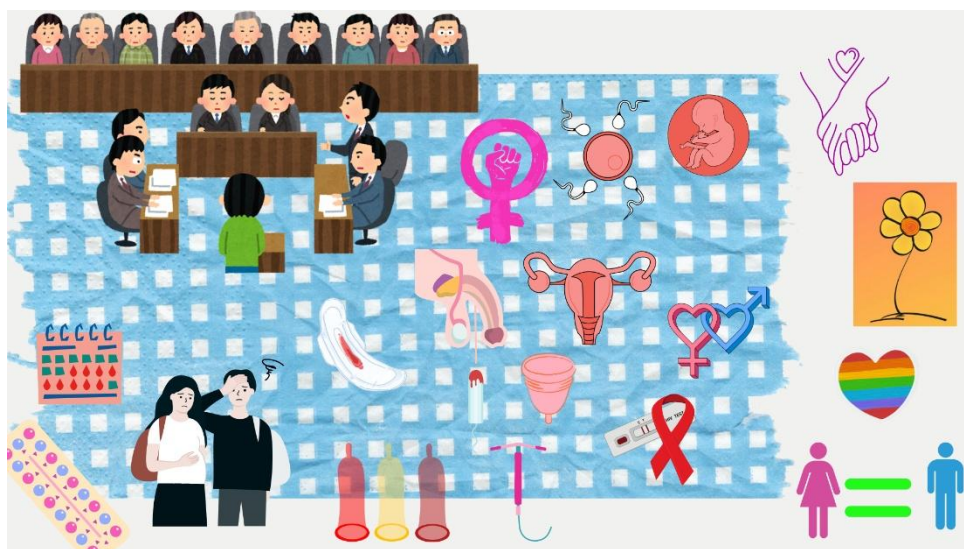


UnB



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia - PROFBIO

**JÚRI SIMULADO:**  
**UMA ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM**  
**COLABORATIVA NA EDUCAÇÃO**  
**SEXUAL**



Andréia do Nascimento Gomes Andrade  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Fernanda Paulini



**UnB**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia - PROFBIO**

***JÚRI SIMULADO:***

***UMA ESTRATÉGIA DE***

***APRENDIZAGEM COLABORATIVA NA***

***EDUCAÇÃO SEXUAL***

**GUIA PARA PROFESSORES**

Material elaborado por Andréia do Nascimento Gomes Andrade sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Fernanda Paulini como requisito necessário para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Biologia (PROFBIO) da Universidade de Brasília

Andréia do Nascimento Gomes Andrade  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fernanda Paulini

Brasília, 2026

## Direitos Autorais

© 2026, Andréia do Nascimento Gomes Andrade

Todos os direitos reservados.

Este produto educacional, intitulado *Júri Simulado: uma estratégia de aprendizagem colaborativa na educação sexual*, está protegido pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 (Lei de Direitos Autorais).

É permitida a reprodução parcial desta obra para fins educacionais, desde que citada a fonte.

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra para fins comerciais sem autorização prévia e expressa da autora.

“Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias.”

Paulo Freire

## Agradecimentos,

Ao meu pai, Dervásio, e à minha mãe, Izabel, meus primeiros professores, que acompanharam toda a minha trajetória acadêmica, foram aqueles que me mostraram o valor da educação. Eles diziam que os estudos fariam de mim, uma mulher independente.

À minha família, meu marido Reuber e minhas filhas Iara, Isabele e Isadora, por acreditarem em mim, por me ouvirem e por lerem minhas escritas, pelas dicas e, principalmente quando me deram condições para estudar e escrever.

Às minhas colegas de trabalho do grupo das Empoderadas, que se tornaram amigas, mulheres inspiradoras que me salvaram em tantos momentos de estresse e cansaço. Agradecimento especial à Érika, que faz parte desse grupo, que me apresentou o PROFBIO e foi a grande incentivadora, mostrando-me que era possível.

A outro grupo de amigas, as vizinhas da Sociedade do Baralho: nossa jogatina nas noites de sexta-feira, dia em que eu chegava das aulas da UnB, era quando eu dizia: “isso é tudo o que preciso hoje”.

Às meninas do clube do livro Um Livro a Mais, pelo apoio. Depois de dois anos, estou voltando para as nossas leituras, encontros nos cafés e para as conversas que tanto me fazem bem.

Aos meus chefes, que me deram condições para estar presente nas aulas do mestrado.

Aos meus colegas de turma do PROFBIO, ainda bem que a gente tinha a gente. Nossa união nos salvou!

Aos professores do PROFBIO, pela inspiração, pela partilha do conhecimento.

Aos professores que aceitaram compor minha banca, tanto na qualificação quanto na defesa, professor Dr José Eduardo Baroneza, professora Dr<sup>a</sup> Maíra Bassos Motta e professora Dr<sup>a</sup> Mariana de Senzi Zancul. Obrigada pelas contribuições que aprimoraram minha pesquisa e dissertação.

Agradecimento especial à minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Fernanda Paulini, pelo acolhimento. Aceitou-me mesmo estando no meio de uma gravidez e, ainda assim, não deixou a desejar em nenhum momento. Obrigada pela dedicação profissional, atendendo-me prontamente, sempre atenciosa e cuidadosa com meu trabalho. Foi paciente comigo quando tive medo e insegurança. Deu-me forças quando

vieram o desânimo, a frustração e o cansaço. Em alguns momentos, parecia uma *personal trainer*: “não para, não para!”. E isso deu super certo! Foi a melhor orientadora que eu poderia ter.

Agradeço a todas as pessoas que entenderam minha ausência, que de alguma forma me deram apoio, motivação e torceram por mim.

E, por fim, agradeço principalmente às alunas e aos alunos do CEMAB que se propuseram a participar da pesquisa. Aprendi muito com esses jovens que enriqueceram meu trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)-Brasil-Código de Financiamento 001.

## Sumário

Apresentação .....	8
Introdução .....	9
Júri simulado como ferramenta ativa de ensino no tema de educação sexual .....	12
Recursos:.....	16
Etapas .....	17
Orientações preparatórias para os estudantes: .....	18
Casos do julgamento.....	19
Formulário de Avaliação do Jurado .....	26
Referências .....	28

## Apresentação

Prezada professora, prezado professor,

Este guia é um instrumento de apoio pedagógico elaborado para oferecer um passo a passo da metodologia júri simulado, para trabalhar temas de sexualidade. Aqui você encontrará o passo a passo da metodologia, orientações práticas, sugestões de organização e estratégias para conduzir o processo com segurança e intencionalidade pedagógica. Mais do que uma sequência de instruções, este material propõe uma experiência pedagógica reflexiva. Trata-se de um debate orientado, uma atividade que deixa de ser apenas informativo e passa a ser vivenciado de forma crítica e reflexiva.

O júri simulado é uma metodologia ativa que coloca os estudantes no centro do processo de aprendizagem. Ao assumirem papéis de acusação, defesa, jurado ou testemunhas, os jovens são desafiados a pesquisar, argumentar, ouvir, contra-argumentar e fundamentar suas posições. Trata-se de uma experiência que mobiliza competências cognitivas, socioemocionais e éticas.

A atividade possui casos contextualizados, intrigantes e desafiadores que amplia o debate sobre temas como consentimento, prevenção à violências, responsabilidade afetiva, prevenção às ISTs e à gravidez indesejada, igualdade de gênero, autonomia corporal e respeito às diferenças.

Ao adotar metodologias ativas como o júri simulado, o professor fortalece sua prática docente, amplia o engajamento dos estudantes e contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos e responsáveis. Diferentemente de uma aula expositiva tradicional, o júri simulado promove o protagonismo juvenil, a construção coletiva do conhecimento e são desafiados a atuar de forma ativa junto aos seus pares e a desenvolver diversas habilidades como oralidade, diálogo, elaboração de argumentos, a criatividade e desenvolvimento do senso crítico.

Que este material fortaleça sua prática e inspire novas possibilidades em sala de aula, promover diálogo ético e garantir um ambiente seguro para reflexão. Educar para a sexualidade é educar para o respeito, para a autonomia e para a vida em sociedade.

## Introdução

Segundo o guia de Orientações Técnicas Internacionais de Educação em Sexualidade: uma abordagem baseada em evidências da UNESCO (2018), a educação sexual nas escolas deve ser compreendida como educação sexual integral, de modo a garantir que crianças e jovens tenham seus direitos assegurados e acesso a informações seguras, possibilitando o desenvolvimento da sexualidade de forma plena, saudável e responsável.

Nessa perspectiva, Pastana (2022) defende que a educação sexual não pode restringir-se a aspectos estritamente biológicos, como a ênfase em doenças, pois, desta forma, o ensino torna-se reducionista. Para a autora, faz-se necessário compreendê-la como uma prática pedagógica abrangente, que contemple as dimensões sociais, culturais e políticas da sexualidade, contribuindo para a formação integral dos sujeitos.

A educação sexual tem sido entendida como uma prática pedagógica que ultrapassa abordagens restritas à prevenção de riscos biológicos, como as ISTs e a gravidez não planejada, conhecida como Educação Sexual Abrangente (ESA). É uma abordagem orientada para a promoção do bem-estar sexual e reprodutivo dos jovens, articulando dimensões emocionais, sociais, culturais e políticas da sexualidade. Diferentemente dos modelos convencionais centrados exclusivamente na saúde, as abordagens baseadas em direitos e empoderamento, enfatizam o desenvolvimento integral dos sujeitos, o fortalecimento das relações sociais (VANWESENBEECK et al., 2020).

Essa concepção integral da educação sexual presente nas orientações da UNESCO e defendida por VANWESENBEECK et al. (2020), dialoga com a definição de sexualidade adotada pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2006), a qual, embora formulada em 2006, permanece vigente e fundamentada em documentos posteriores que articulam sexualidade, saúde e direitos humanos (OMS, 2015; OMS, 2017). Nessa definição, a OMS compreende a sexualidade como

um aspecto central do ser humano ao longo da vida e abrange o sexo, as identidades e os papéis de gênero, a orientação sexual, o erotismo, o prazer, a intimidade e a reprodução. A sexualidade é vivenciada e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem

todas são sempre vivenciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais” (OMS, 2006, p. 5).

A importância da educação sexual no contexto escolar é destacada pela UNESCO (2019) ao indicar que a ausência de informações sobre sexualidade nas escolas aumenta o número de gravidez na adolescência e casos de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e também, os casos de abuso e violência sexual agravados pela desinformação. Em consonância com essa perspectiva, políticas públicas nacionais vigentes, com as diretrizes do Programa Saúde na Escola (PSE), no âmbito do ciclo 2023–2024, estabelecem a promoção da saúde sexual e reprodutiva com umas das ações essenciais a serem desenvolvidas no contexto escolar, conforme normatizado pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2024).

Dados apresentados pelo Ministério da Saúde, com base em informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam o início precoce da vida sexual entre adolescentes e o uso inconsistente do preservativo, inclusive na primeira relação sexual. Entre os escolares do sexo masculino, com idade entre 13 e 17 anos, 36% declaram ter se relacionado sexualmente ao menos uma vez, enquanto entre o sexo feminino, na mesma faixa etária, esse percentual foi de 19,5%. No que se refere ao uso do preservativo, dos 27% de escolares de 13 a 17 anos que declararam já ter tido relação sexual, 61,2% relataram o uso de preservativo na primeira relação sexual (BRASIL, 2022).

Além desses dados, pesquisas evidenciam o aumento dos casos de sífilis entre os jovens, o que reforça a constatação de que o uso do preservativo é negligenciado nas relações sexuais. Entre os anos de 2013 e 2018, a taxa de detecção de sífilis adquirida apresentou crescimento médio anual de 31,5% (BRASIL, 2024).

No entanto, a limitação de ações pontuais, como palestras isoladas, torna ainda mais evidente a necessidade de práticas pedagógicas regulares de educação sexual no cotidiano escolar. Conforme discutem Vianna e Unbehaum (2021), transformações significativas ocorrem quando a abordagem é processual e contínua e integrada ao currículo, promovendo reflexão crítica e diálogo. Perante o exposto, faz-se necessário assegurar que os estudantes tenham acesso a aulas de educação sexual que, além de

sistematizadas, promovam a participação ativa no processo de aprendizagem, garantindo a efetividade desse processo por meio da interação e da construção coletiva do conhecimento. Assim, a aprendizagem ocorre de forma colaborativa, junto aos pares, cabendo ao professor o papel de mediador nesse processo educativo, superando o modelo em que o estudante atua como mero receptor de informações, conforme Silva e Barbosa (2020).

Uma das estratégias que exemplifica bem o papel mediador do professor é o júri simulado. Lima et al. (2021) esclarecem que, em metodologias ativas, o professor atua como mediador no processo de aprendizagem, diferentemente do ensino tradicional, ao facilitar a participação ativa dos estudantes ao promover desafios por meio de discussões. Tais metodologias podem promover melhorias para os estudantes em diversas habilidades como comunicação oral, a capacidade argumentativa, o respeito às diferenças e o desenvolvimento do senso crítico, além de favorecer a motivação, o envolvimento e o poder de persuasão dos alunos (CHAVES et al., 2022; MONTEIRO, 2018; RAMALHO, 2023). O júri simulado é conhecido como uma atividade dinâmica e desafiadora, uma proposta que vai além da aquisição de conhecimento (SCARPA e SASSERON, 2017). No contexto da educação sexual, essa metodologia pode se tornar fundamental na motivação dos estudantes, estimulando a reflexão crítica, o diálogo e o enfrentamento de tabus, consolidando uma aprendizagem significativa.

Educação sexual: por que trabalhar esse tema na escola?



## Júri simulado como ferramenta ativa de ensino no tema de educação sexual

O Júri simulado é considerado uma metodologia ativa, pois o estudante desenvolve a autonomia no processo de aprendizagem, não se comportando de maneira passiva num ensino onde somente o professor fala e o estudante escuta. A prática pedagógica em questão exige que o estudante esteja engajado na atividade, atuando de forma dinâmica (CHAVES, 2022; OLIVEIRA, 2023).

Essa estratégia didática simula um julgamento em que um caso ou tema é apresentado, com funções em um tribunal definidas (juízes, promotores, advogados/as, testemunhas, réu/ré, jurados/as). A partir desse momento, o caso ou tema deve ser estudado e pesquisas devem ser realizadas para que possam se organizar para a defesa ou acusação. Souza, Ferreira e Costa (2021) e Silva e Oliveira (2022) destacam que o júri simulado possui um caráter que ultrapassa a dimensão estritamente científica, ao envolver também aspectos jurídicos, éticos e sociais. Nessa perspectiva, no momento do julgamento, espera-se que os estudantes estejam preparados para argumentar e contra-argumentar, mobilizando evidências científicas, referências legais, fundamentos éticos, dados sociais e outros conhecimentos pertinentes ao caso em debate. O jurado, por sua vez, assume o papel de analisar criticamente os argumentos apresentados a fim de fundamentar sua decisão. Percebe-se nessa estratégia, o estímulo à pesquisa, ensino por investigação, que promovem interações discursivas, “empoderando-os para manifestação de atitudes crítica e investigativa frente a outros problemas, que não apenas aqueles apresentados com finalidades didáticas” (SASSERON, 2020).

A apresentação de casos próximos à realidade em um Júri simulado torna o aprendizado mais atraente e engajador para os estudantes, pois permite a integração da teoria com seu contexto e a aplicabilidade do conhecimento científico. Vincular o conteúdo ao contexto do aluno promove uma educação significativa e transformadora (MOREIRA, 2026). Bacich e Moran (2018) assentem essa ideia ao afirmarem que a aprendizagem é eficaz quando nos interessa, faz sentido, relaciona-se com as vivências e está em sintonia com o nível de desenvolvimento do aluno.

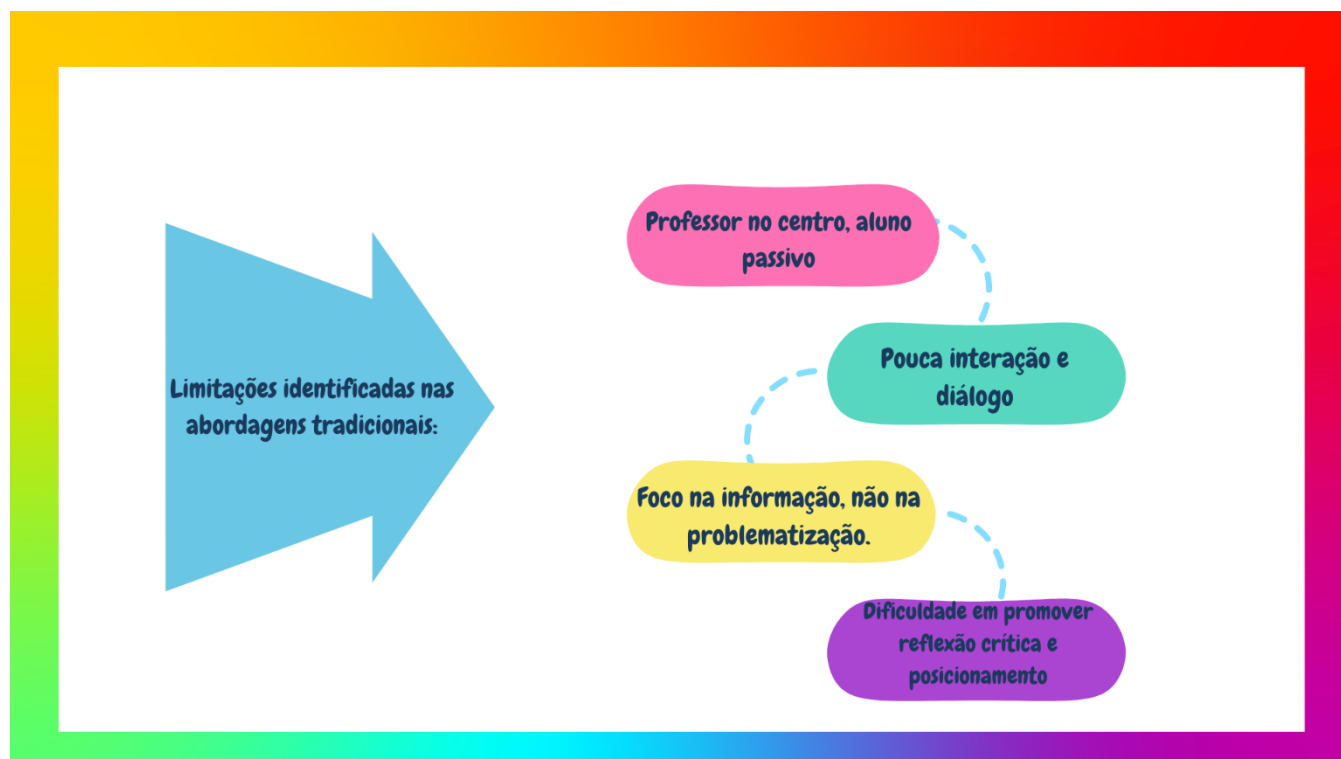
A atividade em questão, o Júri simulado, é uma dinâmica colaborativa que exige que o grupo chegue a um consenso para construir argumentos, favorecendo o desenvolvimento da comunicação, da criatividade, da habilidade do diálogo, do respeito às diferenças e o pensamento crítico (SASSERON, 2020).

Para que a aprendizagem seja efetiva, Bacich e Moran (2018) relatam que os alunos devem ser motivados. Para isso, o professor- mediador deve conhecer seus estudantes, saber das realidades, saber o que é atrativo para eles, o que motiva e faz sentido. Isso favorece o engajamento ao pensar em atividades que sejam atrativas.

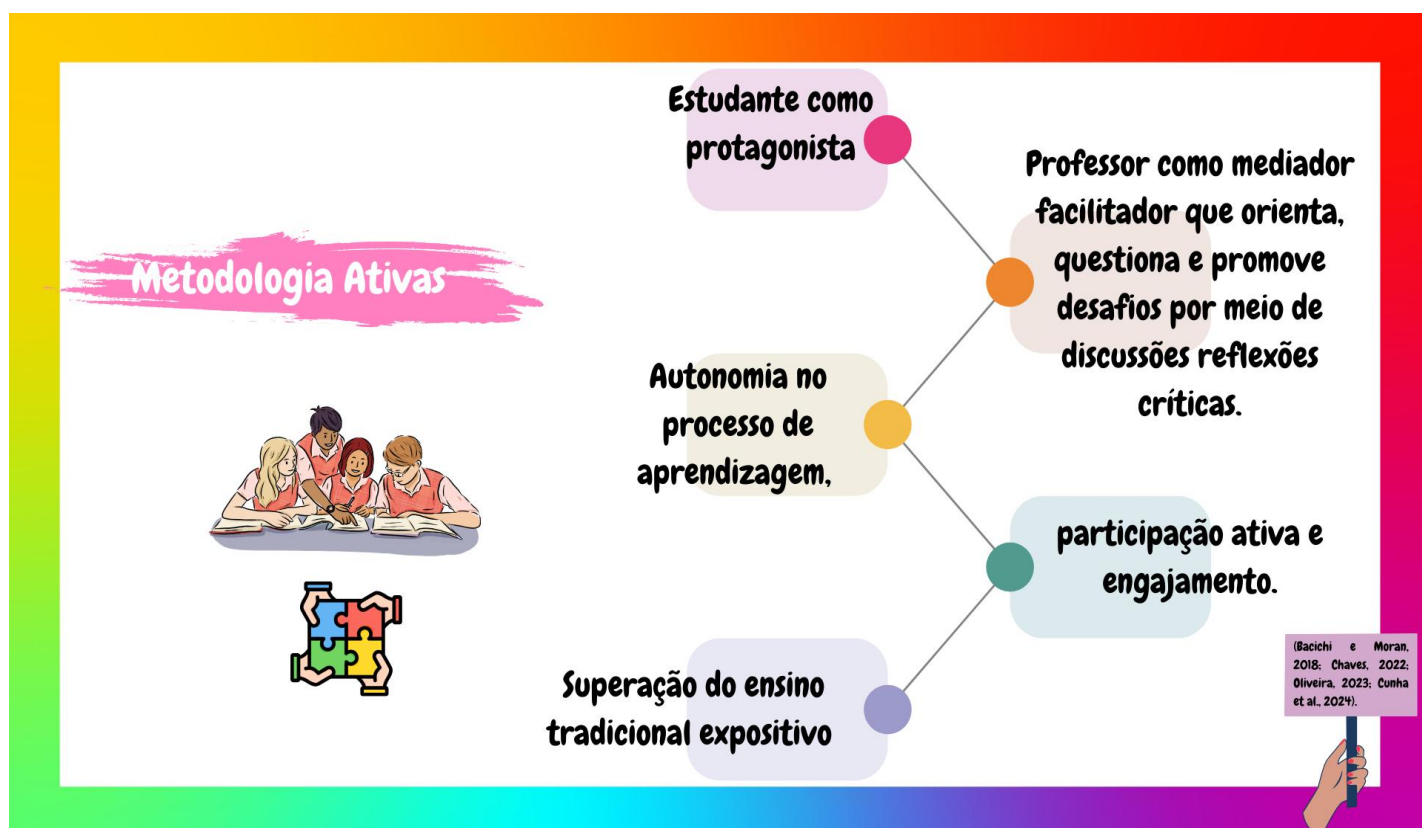
Além da aprendizagem pensada nessa atividade, há ainda o aspecto do Júri simulado ser um instrumento avaliativo, pois, observações podem ser registradas pelo professor no decorrer da apresentação e ao fim dela, observações podem ser apontadas pelos estudantes. Neste momento, o professor fará a observação das habilidades de compreensão, análise, bem como a capacidade de síntese. A partir da situação diagnosticada, a avaliação não se encerra, seja para um resultado positivo ou negativo, decisões são tomadas, como a indicação de caminhos adequados e orientação para o desenvolvimento (LUCKESI, 2024; FERREIRA, 2025).

Assim, como preconiza a BNCC sobre as competências gerais da Educação Básica, ao abordar a educação sexual, essas competências são contempladas numa atividade como o Júri simulado, tais como: a valorização e utilização dos conhecimentos construídos ao longo do tempo para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva; incentivo ao conhecimento científico através da investigação, respeitando valorizando o autocuidado e o cuidado com o próximo; obter autoconhecimento e assim, cuidar da saúde física e emocional; desenvolvimento da habilidade das diversas formas de comunicação (oral, escrita, visual, corporal), promovendo o diálogo com o outro, respeitando as diferenças; pensar no futuro, no trabalho, num projeto de vida com responsabilidade e senso crítico (BRASIL, 2018; BRASIL, 2019).

Por que repensar o modelo tradicional?



Por que investir em metodologias ativas?



### Vantagens do júri simulado

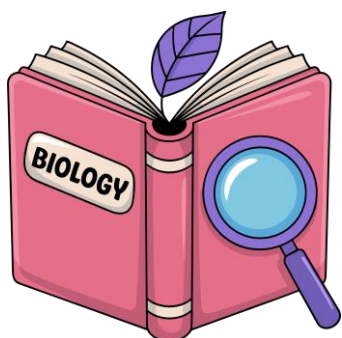


### Habilidades desenvolvidas no júri simulado



**Recursos:**

- Textos e formulários impressos, livros de biologia;
- Dispositivos tecnológicos (computadores, celular notebook, projetor, caixa de som).



## Etapas

## Metodologia – júri simulado



### 1º momento (2 aulas)



- Divisão de 8 grupos com 3 a 4 alunos.
- Cada 2 grupos recebem o mesmo caso a ser julgado.
- Definição aleatória dos grupos em advogados de defesa ou advogados de acusação para o mesmo caso.
- Leitura dos casos pelos grupos com identificação de falas relevantes, equivocadas e levantamento de dúvidas, hipóteses e realização de pesquisa.
- Elaboração de argumentos e estratégias para o dia do julgamento (perguntas, provas, testemunhas).

### 2º momento (2 aulas)



#### Dia do julgamento:

- Organização da sala com advogados de defesa e acusação sentados frente a frente. Estudantes de outros casos que no momento não eram julgados, atuaram como jurado.
- Professora no papel de juíza, mediadora do julgamento – explicava as regras e o formulário de decisão do jurado.
- Escolha de estudantes que controlam o tempo, distribuem e recolhem a ficha de votação.
- Leitura do caso a ser julgado para toda a turma.
- Fala da acusação.
- Fala da defesa.
- Apresentação de provas/testemunhas
- Encerramento do debate → votação do jurado → divulgação do resultado.

### Orientações preparatórias para os estudantes:

- a) Grifem trechos que considerem importantes. Puxem setas, marquem palavras-chaves que expressem preconceitos, mitos, informações duvidosas ou informações corretas. Façam anotações, escrevam observações.
- b) Anotem as dúvidas e perguntas que surgiram durante a leitura do caso, relacionadas tanto a aspectos biológicos quanto a aspectos sociais e éticos.
- c) Diante das dúvidas/perguntas, apresentem hipóteses para as dúvidas/perguntas que surgiram. Lembre-se: hipótese é um palpite, explicações provisórias a serem confirmadas ou refutadas (negadas).
- d) Façam pesquisa para confirmar as hipóteses levantadas. Indique os livros pesquisados, endereços de sites, dentre outros.
- e) Indique os livros pesquisados, endereços de sites, dentre outros.
- f) Preparação para o dia do julgamento: defesa e acusação deverão elaborar e registrar os argumentos e perguntas que deverão ser feitas para o grupo opositor no dia do julgamento.
- g) Apresentem “provas”: pode ser imagens, dados estatísticos, leis, vídeos (no máximo 2 minutos). Os vídeos podem ser por exemplo, entrevistas com especialistas. Não esqueça de apresentar as fontes.

## Casos do julgamento

### **História 01:** História do Paulo “Ainda não transei porque sou muito adolescente”



Esta é a história de Paulo, 15 anos, que em depoimento diz que ainda não transou porque acha que é muito adolescente. Ele diz que virgindade é normal e que não tem nenhum preconceito com quem já transou. Paulo comenta que tem meninos preocupados porque estão dezesseis anos e ainda não transaram. Ele acha essa preocupação algo ridículo. Fala que sexo tem que acontecer na hora certa, com alguém que você realmente goste. Paulo disse que sente pressão para que ele seja diferente. Sempre tem um tio que aparece na festa da família e pergunta: “e aí, como é que é? Já transou? E o banho demorado?”. Ele fala que fica sem graça e que dá vontade de responder que já transou. Ele comentou que um cara menos informado pode achar que seja homossexual e que para mostrar que é homem, faz qualquer coisa, transa com qualquer pessoa e sai fora. Paulo acha que as pessoas não podem transar só por transar, que isso é falta de ética. Paulo acha que uma pessoa que vive na ilusão de virar adulto só por já ter transado é muito mais infantil do que quem pensa sobre o que está fazendo. Ele fala que quem quer transar, transa, que basta pegar um dinheirinho e pagar uma menina do “job”. “Grande coisa isso!”, disse em depoimento. Ele compara isso com comédias americanas que tem sempre um cara que nunca transou e é “zoadado” pelos amigos. Daí ele começa a transar com uma garota atrás da outra. Paulo disse que não gosta de “ficar”. Ele compara “ficar” com prostituição, pois no “ficar” a pessoa está com alguém sem envolvimento emocional. Paulo disse que as pessoas têm que “ficar” com a pessoa de quem seja amigo. Ele fala que “ficar com alguém, beijar, acariciar, e depois fazer de conta que nunca houve nada, é muita falsidade. Em depoimento, Paulo disse que já namorou e que sexo era uma coisa distante. Ele fala que não fez sexo com a namorada dele porque ele se sente muito adolescente e que se a namorada dele tivesse proposto, ele teria recusado. Paulo acha que pode ter namoro sem sexo. Ele fala que está começando a viver a sexualidade agora e sair transando por aí não seria bom porque tem grandes chances de pegar uma doença como sífilis ou engravidar uma menina, pois não esquece o caso do amigo que usou a camisinha, ela estourou e a

menina acabou engravidando. Ele fala que para fazer sexo, a pessoa tem que ter muita segurança de fazer o outro feliz e que tem que gostar muito da pessoa. Paulo falou que imagina que um beijo pode ser mais prazeroso do que uma transa. E que na adolescência ninguém está preparado para transar, pois adolescentes não têm estabilidade emocional e confessa, que ele mesmo não tem. Para Paulo, as meninas veem sexo de uma maneira diferente da maioria dos meninos. Para elas sexo é algo mais sério, como um processo de um namoro e que não é algo momentâneo. Ele acha que sexo é mais do que prazer só do momento. Paulo disse que os meninos acabam ficando com a fama que querem aproveitar qualquer oportunidade para transar. Ele disse que isso não é verdade, que ele não é assim e que vários amigos dele também não são.

**História 02:** história do Josué “Transar é normal?”

Josué, 16 anos, contou que trabalhou na rua para ajudar a mãe e o pai dele. Ele tem 07 irmãos, contando com o que morreu no mês passado com um tiro na cabeça. Josué teve que abandonar a escola por uns tempos, mas pretende voltar a estudar mesmo estando muito atrasado. Ele disse que na escola nunca houve uma conversa sobre sexo com os professores, que lá é só matéria. Na casa dele também, nunca houve uma conversa sobre o assunto. Mas na rua ele fala que é diferente, que o assunto rola solto porque a maioria do pessoal que anda com ele já transou. Josué fala que sexo é algo normal para ele e que começou a transar com 13 anos de idade e que já transou com umas 09 meninas. Quando perguntado sobre a primeira vez dele, Josué contou que a menina devia ter uns 11 anos, que até colocou um véu branco. Daí os dois enfiados numa casinha, começaram a se beijar e que então, aconteceu. Josué falou que sonha encontrar a mulher da vida dele, casar-se, ter lua-de-mel, ter filhos, viajar. Ele diz que as meninas com quem ele transa são todas “galinhas”, pois ficam se mostrando no meio da rua de saia curta e que transam com qualquer um. Ele disse que para ficar com uma ou outra menina tem que tirar par ou ímpar e que se mais de um menino quer ficar com a mesma menina, dá a maior briga. Ele disse que se ele fosse menino e a mãe dele pegasse ele com um homem, ela ia “estourar ele” e isso seria a maior vergonha. Josué falou que a menina com quem ele se casar terá que ser virgem, pois ninguém quer se casar com uma mulher que já foi “usada”. Ele disse ainda, que se a menina gosta de transar com muita gente, de repente ela já pode ter transado com algum amigo dele e isso é constrangedor. Em depoimento Josué comenta que já pode fazer um filho, alegando ter “leite” para colocar na mulher. Ele comentou que nunca se preocupou com isso e que nem usa camisinha e que não sabe direito como colocar. Falou que na primeira vez da menina não há risco de gravidez. Josué fala que sabe que tem que usar camisinha porque tem a AIDS e o pessoal disse que é bom usar e ele já ouvir dizer que já encontraram a cura. Josué falou que a gente pega AIDS no corpo da mulher quando o sangue se mistura. Ele fala que a camisinha “segura” tudo e evita a AIDS. Josué contou que a quando está muito a fim de uma menina ele precisa falar com a mãe da namorada para ver se ela deixa namorar. Ele fala que já teve uma

namorada assim. Era só beijo, passar a mão e mais nada. Ele acha que de repente é legal namorar assim, que sexo não é tudo e que há outras coisas importantes na vida: o estudo, a mãe dele e Deus.

**História 03:** história da Ana Paula, 15 anos “O certo é a menina casar-se virgem?”

Em depoimento Ana Paula disse que virgindade para ela é importante. Ela acha que as meninas devem casar virgens porque não é certo “ficar” com um monte de garotos. Ela pensa que as meninas devem se casar virgem para ninguém colocar defeito. Porém, ela fala que se ela estivesse muito apaixonada por algum garoto pode ser que ela mude de opinião. Ela fala que sair transando com um e com outro é igual à prostituição e que, além disso, quem transa pode pegar AIDS e outras doenças, como sífilis, e ainda corre o risco de engravidar. Durante o depoimento ela mencionou que ouviu dizer que os meninos querem se mostrar “machos” e que então, não querem ser virgens. Ana Paula acha que para eles é tudo mais fácil porque não correm o perigo de ficarem grávidos. Ela disse que conhece várias meninas que engravidaram mesmo tomando pílula do dia seguinte e teve uma que fez aborto. Ela não entende como isso pode ter acontecido, elas tomavam a pílula do dia seguinte toda vez que transavam sem camisinha. Só que ela não vai ser “galinha” e ficar com qualquer um. Ela disse que transaria com camisinha e tomaria pílula indicada pelas amigas e não contaria nada para os pais dela. Ela fala que em casa nunca teve abertura para conversar sobre esses assuntos porque ela é tímida e os pais dela não puxam o assunto. Ela tem certeza de que eles não aprovariam e a xingariam. Ela comentou que deu para perceber isso só pelo jeito que eles conversam com as pessoas. Ana Paula tem medo do que aconteceria com ela se eles descobrissem que ela perdeu a virgindade.

**História 04:** história da Cláudia, 19 anos – “Transar faz parte do namoro?”

Durante o depoimento de Cláudia, ela comentou que o namoro serve para curtir a vida com uma pessoa da qual você gosta. Passar com ela coisas boas e ruins juntas. Ela acha que você não pode namorar por namorar. Ela fala que não precisa estar apaixonado/a logo de cara, que você deve dar uma chance à pessoa para conhecê-la melhor. Daí você começa a sair, troca mensagens com ela todos os dias, dá satisfação. Ela falou que a partir do momento que você namora, tem que gostar e não pode “chifrar”. Ela acha isso um absurdo. Cláudia é contra o “ficar”. Em depoimento ela disse: você está num “rolê”, conhece uma pessoa bonita, tem atração, ‘fica’ com ele e pronto! Depois nunca mais vê!”. Cláudia achou um absurdo quem fala que namoro tira a liberdade, que prende a pessoa e que bom mesmo é “ficar”, conhecer muita gente. Ela não concorda e acha isso muito frio, pois ela gosta de passar as coisas juntos. Ela acha que as pessoas estão “ficando” porque é mais prático: vão mudando de par em par, sem qualquer compromisso. Para Cláudia não existe regra de quando a transa deve entrar no namoro. Ela falou que tem uma amiga que está muito apaixonada pelo namorado, que já estão juntos há um ano e meio e nunca transaram. Ela tem outras amigas que transam logo nos primeiros encontros. Ela fala que depende da menina e da rapidez do rapaz. Ela fala que tem menino que logo nos primeiros encontros eles já querem tirar a roupa das meninas e passar a mão, e que outros demoram tanto que ela fica até pensando: ‘pelo amor de Deus, tira logo a minha roupa’. Cláudia prefere um namorado mais apressadinho, porque assim ela pode ir controlando, fica enrolando, fazendo charme do tipo: “não! Agora não! Depois, outro dia, hoje não!”. Para o rapaz mais devagar ela acha difícil dizer o que quer. Durante o depoimento, Cláudia disse que quando resolveu transar pela primeira vez, estava tudo combinado, ela não queria ser pega em casa pela mãe dela. Eles tinham conseguido o apartamento de um amigo do namorado dela. Mas como era tudo programado, ela estava muito nervosa e tremia muito. Ela falou que mal conseguia tirar a roupa e que foi horrível, e que como ela estava muito tensa, não relaxava, o pênis não entrava. Ela disse que doía muito e que foi um desastre. Só no outro dia, na cobertura do prédio dela é que deu certo. Eles transaram com camisinha. Ele também estava muito nervoso porque também era a

primeira vez dele. Ela falou que ele é bom e não consegue se sentir por baixo. Ela acha que para os meninos realmente é ruim chegarem aos dezesseis anos sem ter transado com alguma menina. O namorando dela mentia dizendo que transa desde os 14 anos de idade. O namorado reclama muito de ter que usar camisinha: ele acha chato ter que parar colocar, que é igual chupar bala com papel e que ela tem que confiar que ele é fiel. Falou também, para ela confiar que na hora da ejaculação ele vai tirar o pênis fora, o famoso coito interrompido, e que isso é seguro para não engravidar. Quando a mãe de Cláudia descobriu que ela estava transando, ela disse: 'você não acha que ainda é muito nova?'. Daí ela respondeu que se sentia preparada e que não se arrependia, que foi no momento certo, com a pessoa certa.

## Formulário de Avaliação do Jurado

Caso analisado:

- ( ) Paulo — “Ainda não transei porque sou muito adolescente”
- ( ) Josué — “Transar é normal?”
- ( ) Ana Paula — “O certo é a menina casar-se virgem?”
- ( ) Cláudia — “Transar faz parte do namoro?”

CRITÉRIO DE ANÁLISE	SIM	NÃO	EM PARTE	Observações
As falas do caso apresentam mitos ou informações incorretas sobre sexualidade, ISTs ou métodos contraceptivos.	( )	( )	( )	
O caso aborda questões sociais e éticas (pressão de grupo, preconceitos, papéis de gênero).	( )	( )	( )	
O caso apresenta cuidados ou responsabilidades ligados à saúde sexual (uso de preservativos, prevenção de gravidez/ISTs).	( )	( )	( )	
Há indícios de desinformação ou preconceito que podem afetar negativamente a vida do adolescente retratado.	( )	( )	( )	
A <b>defesa</b> utilizou argumentos fundamentados em evidências científicas para sustentar suas posições.	( )	( )	( )	
A <b>acusação</b> utilizou argumentos fundamentados em evidências científicas para sustentar suas posições.	( )	( )	( )	

A <b>defesa</b> apresentou provas relevantes (dados, estatísticas, leis, opiniões de especialistas).	( )	( )	( )	
A <b>acusação</b> apresentou provas relevantes (dados, estatísticas, leis, opiniões de especialistas).	( )	( )	( )	
Houve clareza, organização e respeito durante a apresentação (defesa, acusação, réplica e tréplica).	( )	( )	( )	

## DECISÃO FINAL DO JURADO

( )	Considero que a <b>defesa</b> apresentou os melhores argumentos.
( )	Considero que a <b>acusação</b> apresentou os melhores argumentos.

## JUSTIFICATIVA DO VOTO

Com base nas evidências e argumentos analisados, justifico meu voto:

---



---



---



---

## Referências

- BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. (Desafios da educação). Porto Alegre: Penso, 2018. E-book. p.xxi. ISBN 9788584291168. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788584291168/>. Acesso em: 26 jan. 2026.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/bncc>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Guia prático dos temas contemporâneos transversais**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2019. Disponível em: [https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/eb/guia\\_pratico\\_temas\\_contemporaneos.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/eb/guia_pratico_temas_contemporaneos.pdf). Acesso em: 21 jan. 2026.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico: Sífilis 2024**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: [https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletimsepidemiologicos/2024/boletim\\_sifilis\\_2024\\_e.pdf?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletimsepidemiologicos/2024/boletim_sifilis_2024_e.pdf?utm_source=chatgpt.com). Acesso em 01 jan. 2026.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria GM/MS nº 5.608, de 12 de novembro de 2024**. Publicada no *Diário Oficial da União*, 2024. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2024/prt5608\\_14\\_11\\_2024.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2024/prt5608_14_11_2024.html). Acesso em: 02 jan. 2026.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para atenção integral às pessoas com infecções sexualmente transmissíveis (IST)**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: [file:///C:/Users/andre/Downloads/pcdt-ist-2022\\_isbn.pdf](file:///C:/Users/andre/Downloads/pcdt-ist-2022_isbn.pdf). Acesso em 01 fev. 2026.
- CARVALHO, A. M. P. de. **Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino por Investigação**. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 765–794, 2018. DOI: 10.28976/1984-2686rbpec2018183765. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4852>. Acesso em: 17 nov. 2024.
- CHAVES, E. S. **Júri simulado e PBL como estratégia metodológica no ensino de química**. *Revista de Educação em Ciências e Matemática*, v. 8, n. 1, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://revistascientificas.ifri.edu.br/index.php/reci/article/view/2200>. Acesso em 02 out. 2025.
- CUNHA, M. B. D.; OMACHI, N. A.; RITTER, O. M. S.; NASCIMENTO, J. E. D.; MARQUES, G. D. Q.; LIMA, F. O. **Metodologias ativas: em busca de uma caracterização e definição**. *Educação em Revista*, v. 40, p. e39442, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-469839442>. Acesso em: 03 out. 25.
- FERREIRA, F. C.; ALVES, I. P. **Melhorando a qualidade dos feedbacks na avaliação por pares mediada por rubrica**. *Regae: Revista de Gestão e Avaliação Educacional*, [S. l.], p. e92978, 2025. DOI: 10.5902/2318133892978. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/regae/article/view/92978>. Acesso em: 8 out. 2025.
- LIMA, V. R.; SOUSA, E. F. P.; SITKO, C. M. **Metodologias Ativas de Ensino e Aprendizagem: Sala de aula invertida, Instrução por colegas e Júri simulado no ensino de matemática**. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 10, e145101018890, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14507>. Acesso em: 02 out. 2025.

- LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar: passado, presente e futuro**. São Paulo: Cortez Editora, 2021. *E-book*. p.4. ISBN 9786555553475. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555553475/>. Acesso em: 05 out. 2025.
- MONTEIRO, S. A realização de Júri Simulado como Estratégia de Ensino de Biologia: um relato de experiência. *Revista Brasileira de Ensino de Biologia*, v. 11, n. 30, p. 101-112, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5606/560659019013/html/>. Acesso em: 02 out. 2025.
- OLIVEIRA, Saulo Macedo de; LOPES, Rieuse. **O Júri Simulado como metodologia ativa no curso de Licenciatura em Matemática**. *Educação Matemática Debate*, Montes Claros, v. 7, n. 13, p. 1–17, 2023. DOI: 10.46551/emd.v7n13a13. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/emd/article/view/7006>. Acesso em: 06 out. 2025.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências**. 2ª revisão revisada, Paris: UNESCO, 2019. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000369308>. Acesso em: 06 jul. 2024.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Global Accelerated Action for the Health of Adolescents (AA-HA!): guidance to support country implementation**. Geneva: World Health Organization, 2017. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/WHO-FWC-MCA-17.05>. Acesso em: 30 dez. 2025.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Sexual health, human rights and the law**. Geneva: World Health Organization, 2015. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241564984>. Acesso em: 30 dez. 2025.
- PASTANA, Marcela; BORTOLOZZI, Ana Cláudia. **Sexualidade e prazer: considerações sobre intervenções em educação sexual**. *Mental*, Barbacena, v. 14, n. 25, p. 1-21, jun. 2022. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272022000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272022000100009&lng=pt&nrm=iso). Acessos em: 05 fev. 2026.
- RAMALHO, J. B. A. **O júri simulado e o ensino de argumentação: suscitando o poder da fala**. 2023. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/34000?&locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/34000?&locale=pt_BR). Acesso em: 02 out. 2025.
- SASSERON, Lúcia Helena. **Interações discursivas e argumentação em sala de aula: a construção de conclusões, evidências e raciocínios**. *Ensino e Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)*, v. 22, e20073, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-21172020210135>. Acesso em: 05 out. 2025.
- SCARPA, Daniela Lopes; SASSERON, Lúcia Helena; SILVA, Maíra Batistoni e. **O ensino por investigação e a argumentação em aulas de ciências naturais**. *Tópicos Educacionais*, v. 23, n. 1, p. 7–27, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2017.230486>. Acesso em: 17 nov. 2024.
- SILVA, Arthur Lima da; BARBOSA, Gessikelli Silva. **Teorias da Aprendizagem na Prática Pedagógica do Professor de Biologia**. *REnBio - Revista de Ensino de Biologia da*

SBEnBio, v. 13, n. 1, p. 86-101, 2020. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/267/87>. Acesso em: 12 set. 2024.

- SILVA, J. A.; OLIVEIRA, M. L. **O júri simulado como prática pedagógica dialógica e crítica no ensino médio**. Observatório Latino-Americano de Estudos em Educação, v. 4, n. 2, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/5015/3261>. Acesso em: 26 jan. 2026.

- SOUZA, R. F.; FERREIRA, L. G.; COSTA, M. A. **Júri simulado como estratégia para o ensino de temas sociocientíficos**. Revista Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 17, n. 46, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://unifoa.emnuvens.com.br/praxis/article/view/5549/3661>. Acesso em: 26 jan. 2026.

- VANWESENBEECK, Ine et al. **Comprehensive sexuality education**. In: *Oxford Research Encyclopedia of Global Public Health*. Oxford: Oxford University Press, 2020. Disponível em: <https://oxfordre.com/publichealth/display/10.1093/acrefore/9780190632366.001.0001/acrefore-9780190632366-e-205>. Acesso em: 05 de jan. 2026.